



Moutinho, José Viale (2012). *Teatro Depressinha. 5 Pequenas Peças de Teatro*. Lisboa: Plátano Editora, Ilustrações de Fedra Santos e Sugestões para Representação de Élvio Camacho

Artefacto plural e educativo, o último livro de recepção infantil de José Viale Moutinho vem porfiar a ideia de como o teatro pode e deve ser entendido como uma arte expressiva, descomplexada e eficaz, enquanto experiência formativa intensa. Com essa arte performativa, é, então, possível instruir, divertindo, o jovem receptor. Dirigido, sensivelmente, a um leitor de 5 aos 10 anos, o livro que veio a lume em 2012, reúne três linguagens distintas mas convergentes. Em primeiro lugar, o texto colocado no começo do livro, em jeito de prefácio, intitulado “De Élvio Camacho, encenador e ator”, apresenta-se como um “modo de instrução” para explorar os meios dramaturgicos que as cinco pequenas peças de Viale Moutinho reclamam. Quanto aos textos para teatro propriamente ditos, estes recuperam ora o tema do menino traquinas (“O menino lá do fundo da sala” e “aquele menino que se porta tão mal”), ora o tópico do teatro-circo (“Dom Adivinhão”), ora o universo da literatura oral e tradicional, de que o autor é um acérrimo defensor (“O tesouro do cego” e “Um favorzinho”). Na verdade, o engenho do autor consiste em fazer cruzar nas suas “pequenas comédias” todas essas fantasias e discursos. Por último, os desenhos criativos e bem-humorados de Fedra Santos configuram e traduzem o espírito e o imaginário do escritor, que a ilustradora conhece bem, visto ter com ele já realizado vários projetos editoriais nestes últimos anos. Assim, a oportuna ilustração da capa resume e comunica o propósito, o registo e o alcance do livro, editado com a chancela da Plátano Editora, uma referência no panorama educativo nacional.

Os textos de José Viale Moutinho seguem a veia humorística desconcertante da sua primeira peça intitulada *Histórias da Deserta Grande. Uma Peça Para Bonifrates*. Aliás, será a própria voz autoral a referi-lo na brevíssima explicação de abertura do seu livro, intitulada “Uma nota do autor para quem aparecer”. Em *Teatro Depressinha. 5 Pequenas Peças de Teatro*, os dois primeiros textos dramaturgicos desenrolam-se num espaço escolar. Em “O menino lá do fundo da sala”, a situação e o diálogo, entremeado de versos populares, fazem lembrar o conhecido poema do escritor francês

Jacques Prévert, “L’ enfant Hamlet”. O “menino-lá-do-fundo-da-sala” parece, efetivamente, contestar o poder professoral através de efeitos de barroquização e de desconstrução que o texto encerra. Às perguntas do professor, o aprendiz responde de forma ilógica, como facilmente se comprova com as doenças que o afectam: “Tenho uma gripe nas unhas” (p. 16), “dói-me a barriga na testa” (p. 17). Neste cenário, a rondar a marionetização dos tempos presentes, as situações transtornam, de igual modo, o professor.

Tratando-se de textos de recepção infantil, não será de estranhar encontrarmos mais um menino galhofeiro em “Aquele menino que se porta tão mal...”. Quem não conheceu, em contexto de sala de aula, um menino “levado da breca”? Quem não teve de levar aos pais um recadinho da escola como chamada de atenção? No entanto, nesta peça, o petiz, em conversa com o pai, a quem tem que entregar uma convocatória do director da Escola, autorretrata-se como o aluno exemplar que não é e, em contraste, descreve com minúcia o comportamento do aluno rufia, indisciplinado e malandro. Na verdade, trata-se das suas próprias acções que o progenitor desatento e algo ingénuo deverá descobrir quando falar, no dia seguinte, com o director da escola.

Em “Dom Adivinhão”, o jogo de adivinhas – tradição oral que o autor tem vindo a recuperar e a divulgar (veja-se *O Grande Livro das Adivinhas, O Livrinho das Adivinhas, O Adivinhão*, publicados pela Editora Afrontamento ou *As Minhas Adivinhas Favoritas*, lançado pela Oficina do Livro) – decorre num teatrinho feito à pressa. Sublinha-se, aqui, o entendimento lúdico entre a Apresentadora e os meninos que culmina com uma partida conjunta feita ao Adivinhão. Este jogo de picardias reaparece em “O tesouro do cego”, mas seguido de uma “lição de moral”, como compete à literatura dirigida preferencialmente aos mais novos. Com efeito, o Cego esconde um tesouro no seu quintal e o vizinho, como falso amigo que é, vai desenterrá-lo para dele se apropriar. Ao descobrir as manhas do vizinho, o cego consegue reavê-lo, provando, assim, que o velho ditado “ri melhor quem ri por último” continua muito atual. Cabe também notar que, no

texto intitulado “Um favorzinho”, o autor recupera a risível figura do frade que a tradição popular instituiu. Trata-se, aliás, de uma personagem recorrente na obra deste escritor (à semelhança do que acontece em *Os Dois Fradinhos*, *A Sopa de Pedra* e *Frei Luís Sem Cuidado*, editados pela Campo das Letras). Nessa peça, é-nos dado a ver um frade cansado que consegue pernoitar na casa de uma gente muito pobre, numa aldeia remota. Tenta obter uma refeição que aconchegue o estômago vazio, mas, nessa casa necessitada, onde vive uma avó e um neto, apenas poderá contar com um ovo cozido nas brasas da lareira. O menino estranha os preparativos da cozedura – o frade cospe no ovo para que o calor do lume não faça rebentar a casca do petisco – e espera que esta sugestão possa resolver as crises de flatulência da avó. A integração de imaginários dá-se, desde logo, entre a escrita do autor e o profundo conhecimento que este tem do folclore literário: o texto subverte o conto popular, desconstrói os princípios da conveniência e do politicamente correto, resgatando a tradição do humor escatológico.

O jogo risível que caracteriza a escrita de Viale Moutinho é acompanhado pelo traço humorístico das ilustrações de Fedra Santos. Embora o texto costume estar na origem de todo o processo editorial na confecção do livro destinado aos mais novos, há que valorizar a ilustração que deixou de ser considerada uma “arte menor”. Muito embora alguns estudiosos afirmem que não cabe ao ilustrador realçar a sua individualidade, visto estar ao serviço dos significados da história ilustrada (Perry Nodelman em *Words About Images*), não podemos negar a “marca de água” da ilustração de Fedra Santos. O seu estilo é inconfundível. O seu trabalho caracteriza-se não só pela colocação, em jeito de assinatura, no interior do livro, da representação do autor – uma figuração roliça, de olhos arregalados e de óculos arredondados – como também da caricatura das demais figuras que atravessam os textos e que o leitor consegue, à primeira vista, reconhecer, por se encontrarem claramente tipificadas. Narigudos, orelhudos, de queixo proeminente ou desdentados, os modelos da ilustradora enchem a página de galhardia e de paródia. Neste livro, a ilustração pauta-se pelo cromatismo alegre e intenso, tonalidades apelativas que se harmonizam com a função lúdica das “brincadeiras” humorísticas do traço de Fedra Santos.

As cinco ilustrações, que funcionam como separador dos vários textos incluídos neste livro de capa mole, representam o ponto de maior tensão de cada uma das intrigas e convidam à leitura, porque visam suscitar a curiosidade do potencial leitor. As figurações aplicadas parcialmente na folha seguinte,

de apresentação da peça, conjugando o título, o elenco das personagens (perfil psicológico e físico) e o cenário, permitem ao jovem leitor/educando uma apreensão global do ponto de partida das ações a que vai assistir.

Sublinhemos, ainda, que este livro de Viale Moutinho vem precedido de uma nota do encenador e actor Élvio Camacho. Neste apontamento, surgem algumas sugestões para que os textos moutinianos possam ser encenados por jovens actores, por exemplo em contexto escolar. Assim, Élvio Camacho deixa neste elemento pré-textual as indicações necessárias para uma representação tão conseguida quanto natural. Neste seu discurso paratextual, à semelhança de muitos teorizadores da arte dramática, o encenador e actor dirige-se não só aos educandos, mas também aos professores que se apropriem destes escritos para efeitos de representação. Alertando para o risco de exibicionismos e empolamentos de vária ordem, em seu entender, o (futuro) actor deve procurar evitar um estilo enfático na sua declamação e entregar-se ao trabalho contínuo para ultrapassar (eventuais) lacunas na arte da representação teatral. Porém, para a performance ser bem-sucedida, há que juntar uma dose de divertimento, não descurar o lúdico e, se necessário, juntar alguma improvisação, como professava Molière, conhecido escritor e actor do teatro clássico francês.

Élvio Camacho segue a mesma linha de pensamento: se as indicações das didascálias devem ser tidas em consideração, não é menos verdade que uma certa liberdade de interpretação tornará o jogo do actor mais interessante. O sucesso de uma representação passa exclusivamente pela(s) capacidade(s) do actor que assim pode superar as lacunas de adereços (cenários, figurinos, etc.). O actor deve, então, ter uma atitude crítica relativamente ao texto e à intriga, implicar-se neles e servi-los da melhor forma, descobrindo-se e reinventando-se como actor.

Diremos, por fim, que este livro é um artefacto cultural que alia humor sempre presente e falas relativamente breves e adequadas à faixa etária a que se destina (muito embora possa ser apreciado por um público *sénior*). Desta forma, é também um texto que pode ser utilizado quer pelo teatro de recepção infantil – de cunho artístico e profissionalizante – quer pelo teatro educativo – feito pela própria criança quase sempre em meio escolar ou recreativo (distinção proposta por Fernando Lomardo em *O Que É O Teatro Infantil*) –. Já ninguém questiona o papel essencial da educação no desenvolvimento do cidadão, em geral, e da criança, em particular. Por isso, entendemos que estas histórias, ao serem lidas e, sobretudo,

representadas, podem motivar (jovens) individualidades a expressarem as suas emoções, bem como a sua imaginação. Assim, pais, professores e outros agentes envolvidos no processo de educação dos mais novos, encontrarão aqui um produto cultural capaz de os ajudar no desenvolvimento de um ser em construção. Em todo o caso, pela sensibilização à arte (literária, icónica e dramática), trata-se de um artefacto que pode ser apreciado em casa, numa sala de aula, nas aulas de expressão dramática e nas Oficinas de Teatro. Ao promover competências linguísticas, comunicacionais, sociais e afectivas, *Teatro Depressinha. 5 Pequenas Peças de Teatro* saberá, certamente, desafiar miúdos e graúdos.

Leonor Martins Coelho

Universidade da Madeira e Centro de Estudos
Comparatistas (FLUL)